

Unidade 13



Apostando na participação juvenil

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Identificar o potencial criativo dos adolescentes no desenvolvimento de grupos construtivos como prevenção do uso de drogas.
- Compreender o papel das ações de participação juvenil no desenvolvimento do educando e no exercício da cidadania.
- Utilizar a metodologia da formação de multiplicadores para os adolescentes.

O QUE ABORDAREMOS NESTA UNIDADE?

Temática: Apostando na participação juvenil

Vídeo: *Multijovem*

Textos:

O protagonismo dos grupos potenciais de adolescentes

Formando adolescentes multiplicadores

Atividades de aprendizagem:

Fórum temático

Atividade colaborativa

Exercício objetivo



Tópicos para aprofundamento

- Quando inserido em contextos que lhe asseguram certa proteção, o adolescente tem a possibilidade de formar e manter relações entre os pares que lhe permitem desenvolver seu potencial criativo.
- A força do protagonismo juvenil emerge da iniciativa do próprio adolescente, da expressão de liberdade e de um compromisso social.
- Nos diferentes espaços escolares, o aluno pode construir sua autonomia e tornar-se protagonista de ações que envolvam o exercício da cidadania e a convivência democrática e responsável.
- Por meio da participação criativa, construtiva e solidária, o protagonismo torna o adolescente responsável e compromissado com o outro, principalmente porque não existe protagonismo sem a construção e o respeito às regras.
- A escola, com suas normas e regras, torna-se fundamental no processo de identificação, idealização e diferenciação na adolescência e é, portanto, um lugar importante de organização das cenas sociais para o adolescente e de suas possibilidades de formações grupais entre os pares.
- Ser multiplicador é ter competência transformadora como agente de mudança e reorganização da realidade social. Ao construir um contexto de transformação, o adolescente também se transforma.
- As necessidades vitais dos grupos, associações, instituições requerem profissionais disponíveis que estejam voltados para o cuidado com o outro.



Neste módulo, você refletiu sobre os eixos de ações e atividades a serem desenvolvidas no projeto de prevenção da escola. Compartilhe suas ideias e experiências com seus colegas da escola e do curso e receba a orientação do seu tutor para finalizar as atividades previstas para este módulo. Vamos em frente, trabalhando de forma colaborativa!



Assista ao vídeo 13 - *Multijovem*

Inicie esta unidade assistindo ao vídeo 13 - *Multijovem*, que mostra a importância de adolescentes multiplicadores para a prevenção do uso de drogas na escola. Nós, educadores, devemos ter sempre em mente que o adolescente é, pela própria característica questionadora, um sujeito capaz de intervir e de participar da transformação social, na construção de uma realidade nova e na inclusão social.

Resumo do Vídeo – *Multijovem*

Entusiasmada com o curso “Formando Adolescentes Multiplicadores”, a professora Das Neves, ao telefone, convida o amigo Estevão, professor de outra escola na qual a questão das drogas é grave, a fazer esse curso com ela. Para convencê-lo, lê alguns trechos da apostila do curso que ressaltam a força da ação do adolescente sobre si mesmo e sobre a sua realidade social. Ao final da conversa, convida o amigo a montarem juntos uma oficina em suas escolas.

Em reflexão, a professora Das Neves diz que deve convidar para a oficina os alunos líderes e debater com eles temas como saúde, drogas etc.

Ao final do vídeo, fica destacada a importância de uma metodologia participativa na formação dos multiplicadores.

O vídeo mostra a importância da formação de adolescentes multiplicadores para a prevenção do uso de drogas na escola, pois esta precisa do apoio de toda a rede social da qual o adolescente participa.

O caminho da formação de multiplicadores é muito promissor. Vários são os recursos possíveis para formar multiplicadores, ou seja, jovens que atuam como protagonistas no seu contexto social. Um dos recursos são as oficinas, por meio das quais você poderá difundir conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento humano em uma visão ampla de saúde, educação, ecologia e cidadania.

Nas oficinas, procure trabalhar com grupos de até 15 adolescentes e ficar atento (a) para as seguintes ações:

- desperte-os para o prazer e o compromisso de serem protagonistas de uma ação solidária;
- deixe-os formar seus relacionamentos, a partir de suas próprias escolhas;
- organize reuniões preparatórias, para que eles planejem atividades, dividam tarefas, enfim, percebam o valor de seu papel multiplicador.

E não se esqueça de oferecer jogos e outros recursos criativos de expressão.

Para refletir

Agora é hora de você exercitar a metodologia.



Refleta acerca das seguintes questões:

- Quem são os alunos líderes da sua escola?
- Como você faria para convidá-los a participarem das oficinas de multiplicadores?
- Que experiências você pode compartilhar sobre a metodologia de oficinas?

Vamos aprofundar esse assunto lendo os textos a seguir.

O PROTAGONISMO DOS GRUPOS POTENCIAIS DE ADOLESCENTES

Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira

Maria Fátima Olivier Sudbrack



O potencial criativo do adolescente construído nos grupos

A adolescência, por ser uma etapa do ciclo de vida marcada por profundas transformações psíquicas, físicas, sociais, culturais e relacionais, é o período em que o potencial criativo do indivíduo está no seu ápice.

Muitas transformações na adolescência surgem da necessidade do sujeito de criar, de inovar, de acreditar em si mesmo, de encontrar seu estilo, de se construir, pois o adolescente busca a vida, busca o amor. Portanto, aproveitar esse momento de transformações do adolescente tornará mais efetivas as ações do adulto, que o adolescente virá a ser um dia, assim como as nossas como educadores.

O potencial criativo do adolescente oferece a ele:

- liberdade para explorar;
- liberdade para ser o que é;
- meios para buscar sua autonomia;
- meios para pôr à prova suas capacidades;
- possibilidade de fazer escolhas;
- possibilidade de cometer erros.

Se for impedido de explorar seu potencial criativo, o adolescente perde o acesso ao reconhecimento do outro e sente deteriorada a qualidade dos seus vínculos. Assim, é importante entendermos que o trabalho de criação não existe sem o outro.

O adolescente necessita organizar sua originalidade, sua criatividade e, ao mesmo tempo, estar seguro de que ela é compartilhada. Por isso, na adolescência, os grupos são fundamentais.

Logo, se o adolescente é um ser em potencial que aspira à criação, e são as construções grupais as grandes responsáveis por deixar fluir ou não este potencial, precisamos compreender como essas construções grupais ocorrem.

Ao longo de toda a sua vida, o adolescente circula por grupos familiares, de amigos, profissionais, escolares, religiosos, os quais são responsáveis pela estruturação da sua identidade. É impossível pensarmos a identidade do adolescente sem pensarmos os diferentes grupos aos quais ele pertence.

Então os grupos influenciam a identidade do adolescente?

Entre os grupos pelos quais o adolescente circula, a interação mais intensa e importante na adolescência é a relação com os pares, ou seja, com o grupo de amigos, com os parceiros que compartilham experiências semelhantes às suas.

A relação com os pares assume uma centralidade forte na vida do adolescente. O grupo propicia-lhe uma nova identidade intermediária entre a família e a sociedade, o que torna, para ele, possível a criação de espaços de pertencimento, com regras e hierarquias, com seu valor de iniciação e possibilidade de estimular a sua autonomia. Constitui ponto de referência e uma vertente socializadora para ele.

No grupo de pares, os adolescentes adotam e designam novos papéis sociais uns aos outros, manifestam o desejo de se expressarem, de se relacionarem, de estarem em contato com o outro, e atribuem muito valor às suas qualidades e competências, aos seus sentimentos, à possibilidade de se comunicarem.

No processo de autopercepção, são capazes de refletir sobre a responsabilidade que têm na construção dos seus relacionamentos e de sua vida.

Por isso, compreender as relações que se formam entre os pares é uma forma de conhecer o próprio adolescente, bem como os contextos de risco e proteção a que estão expostos.

Para facilitar a compreensão dos tipos de relação que se formam entre os pares e sua implicação na circulação do adolescente por contextos de risco e/ou de proteção, denominamos como:

- **grupos potenciais ou grupos construtivos** – aqueles grupos de pares que levam o adolescente ao protagonismo juvenil e que podem ser considerados grupos de proteção;
- **grupos potenciais interrompidos** – grupos potenciais que apresentam dificuldades no processo de construção do protagonismo, impossibilitam sua efetivação e podem levá-los a contextos de risco;
- **grupos destrutivos** – aqueles que internalizam a cultura da violência e da destruição como forma de ação, como as “gangues”, os “grupos de pichação”, os “grupos do tráfico”, o que os caracterizam com os grupos de risco.

Desse modo, apresentaremos esses grupos e discutiremos a seguir como a escola pode favorecer a proteção nos círculos de amizade dos adolescentes, mobilizando e otimizando o protagonismo juvenil por meio dos grupos potenciais.

O protagonismo juvenil como caminho para o grupo potencial

O adolescente possui uma força social que lhe é natural e o impulsiona para a afiliação – inserção no grupo de pares – e está disposto a pensar sobre suas escolhas em relação às amizades, a busca pelo prazer, a como lidar com situações de risco e com a violência.

Quando é inserido em contextos que lhe asseguram certa proteção, o adolescente tem a possibilidade de formar e manter relações entre os pares que lhe permitem desenvolver seu potencial criativo. Neste processo, ele é capaz de transformar relações em grupos potenciais a partir do exercício do protagonismo juvenil.

A palavra protagonismo origina-se da junção de duas palavras gregas:

- *protos*, que significa o principal, o primeiro;
- *agonistes*, que significa lutador, competidor, contendor.

Quando falamos em protagonismo juvenil, estamos falando da ocupação de uma posição central do adolescente nos esforços para a mudança social.

Espaços de socialização e aprendizagens podem se constituir em espaços de promoção ao protagonismo juvenil, como:

- os grupos esportivos e culturais ligados à música, à capoeira, à dança e outras expressões juvenis;
- os grupos da Igreja ligados ao lazer, à companhia social;
- os grupos de estudo relacionados ao encontro entre amigos para aprendizagem e trocas. Além desses espaços de socialização, há ainda:
 - os códigos de inserção grupal, identificados pela forma de falar, de vestir, de enfeitar os cabelos;
 - os saberes relacionados às trocas de experiências pessoais e identificação com as lideranças;
 - os valores e conhecimentos acerca da possibilidade de ação conjunta.



A força do protagonismo juvenil emerge da iniciativa do próprio adolescente, da expressão de liberdade e de um compromisso social. A ação é produto de uma decisão consciente, e o próprio adolescente assume responsabilidade por seus atos. O protagonismo juvenil é a expressão criativa e responsável do potencial do adolescente (por isso o nome “grupo potencial”). Relaciona-se com a preparação para a cidadania e cria condições para que o adolescente possa exercitar de forma crítica e espontânea o pensamento, a palavra e a ação na construção gradativa de sua autonomia.

Uma característica importante do protagonismo juvenil é a espontaneidade do adolescente. A espontaneidade é a regra fundamental para o pertencimento ao grupo como solução, pois o grupo se cria por meio da integração e cooperação entre seus membros.

O idealismo também é uma das características marcantes da adolescência e contribui consideravelmente para o protagonismo juvenil. Por meio do idealismo, o adolescente vive um estado de ilusão que o possibilita experimentar a liberdade de formular planos ideais.

Entendemos que a curiosidade é ainda outro aspecto a ser considerado na promoção do protagonismo juvenil, pois incita o adolescente a “fazer coisas” no infinito universo da arte: dançar, escrever, pintar, desenhar, esculpir, representar, construir objetos, cantar, criar músicas e sons etc. A arte, a aprendizagem e o conhecimento fazem parte do cotidiano da vida humana.

Na espontaneidade, no idealismo e na curiosidade que impulsionam a criação, produz-se um conhecimento que não pertence ao indivíduo propriamente, mas a toda a grupalidade.

O protagonismo, por meio da participação criativa, construtiva e solidária, torna o adolescente responsável e comprometido com o outro, principalmente porque não existe protagonismo sem a construção e o respeito às regras. É preciso que haja regras e limites claros de modo que os interesses coletivos entre os pares sobressaiam aos individuais e, assim, as relações se alimentem de opiniões diversas, instituindo o respeito e o interesse pela expressão de ideias opostas. Assim, essas relações são fundadas em princípios democráticos, em que se pressupõe a não submissão a um único líder, mas a rotatividade de papéis, de lideranças, além de uma estrutura com certo grau de tolerância às diferenças. Esse tipo de relação possibilita ao adolescente a liberdade de escolher quando entrar e sair do grupo e transitar por outros grupos a partir de suas afinidades.

O adolescente encontra e promove harmonia à medida que circula por diferentes grupos ao mesmo tempo e faz a conexão entre eles, quando:

- pode falar dele mesmo e dos outros dentro dos diferentes grupos aos quais pertence;
- ele e seus amigos sentem-se à vontade para dialogar com seus pais e com os pais de uns e de outros, em respeito mútuo;
- a família e a escola não são dois mundos distintos e distanciados, mas propiciadores de um trabalho conjunto.

À medida que encontra liberdade para se abrir para o outro e fazer circular as novidades criadas por ele, o adolescente cria a paz.

Os grupos potenciais na adolescência inventam a mudança, inventam-se a si mesmos, inventam seus próprios valores, leis, responsabilidades. São grupos em que os adolescentes podem ser transparentes e descobrem-se livres, críticos e inventores de sentido, o que não significa que eles não contem com a participação de adultos.

Eles buscam o apoio e o suporte das figuras de autoridade, como os pais, professores e líderes comunitários, atores de extrema relevância para o surgimento e desenvolvimento do protagonismo juvenil.

Nesse sentido, o incentivo ao protagonismo juvenil, por meio das diferentes formações grupais na adolescência e do apoio institucional (família, escola, Igreja), pode funcionar como um caminho de fortalecimento da rede social do adolescente e prevenção de sintomas, como o uso de drogas e a prática de atos infracionais.

O protagonismo, vivenciado de forma construtiva, pode ser considerado uma forma de proteger a saúde mental do adolescente, auxiliando-o a lidar com adversidades e situações de risco. Do mesmo modo, quando é interrompido, gera mal-estar, angústia e conflitos que os tornam mais vulneráveis a situações de risco.

A seguir, apresentaremos algumas formas de interrupção desses grupos.

Quando os grupos potenciais são interrompidos

Vimos que o protagonismo juvenil é um caminho para a formação dos grupos potenciais. No entanto, as dificuldades que aparecem na vida do adolescente repercutem no seu processo de formação grupal e podem provocar “rachaduras” nos grupos potenciais, o que torna o adolescente mais vulnerável ao rompimento com esses grupos e à exposição a situações de perigo e risco na busca por soluções imediatas para seus problemas.

À medida que os grupos potenciais se interrompem, as drogas e o tráfico podem aparecer, aproveitando-se das “rachaduras” que se formam nesses grupos para permear as relações.

Veja como isso pode acontecer:

Muitos adolescentes, principalmente aqueles que vivem em condições de pobreza e exclusão social, sofrem pressões constantes para interromperem seus grupos potenciais. Eles mostram que essa pressão advém das exigências sociais para que assumam determinadas responsabilidades, como o auxílio no sustento financeiro da casa, os cuidados com a família, o exercício da paternidade na adolescência, o casamento, que muitas vezes não estão preparados para assumir.

Tais responsabilidades interferem bruscamente em seu desenvolvimento, o que acarreta dificuldades para que se mantenham em grupos potenciais. A prioridade, nesse caso, passa a ser a inserção precoce no mercado de trabalho, tido como o principal meio de se mostrar responsável e reconhecido aos olhos da sua família, escola, comunidade e sociedade.



Apesar de as atividades relacionadas ao lazer e cultura serem muito valorizadas pelos adolescentes, nesse contexto, são difíceis de serem realizadas por causa da falta de dinheiro, de estruturas adequadas na comunidade e pelos impedimentos colocados pelos próprios familiares e educadores.

Os grupos de dança, por exemplo, funcionam como momentos de lazer para os adolescentes. Quando se encontram para criar danças novas e treiná-las, eles brincam, riem uns dos outros, conversam, trocam experiências, o que lhes proporciona prazer e identidade social.

O mesmo acontece com os grupos de estudo que se formam nas salas de aula. Reúnem-se não apenas para estudarem juntos, mas também para compartilhar experiências e poderem simplesmente estar juntos.

Esses grupos acabam exercendo não só as funções de diversão e lazer, como também de apoio emocional, de conselhos, acesso a novos contatos, identificação positiva, as quais auxiliam o seu desenvolvimento saudável e o protagonismo juvenil.

Todavia, esses grupos são, muitas vezes, compreendidos como grupos que interferem negativamente na assunção das “responsabilidades” exigidas pela sociedade. Nesse sentido, a prioridade do adolescente deve estar voltada aos estudos e ao trabalho, e, mais especificamente, à construção de relações que exerçam a função de ajuda financeira e não de lazer propriamente dito.

Na dificuldade de conciliar a responsabilidade com o prazer, os adolescentes acabam sendo roubados do tempo de adolescer entre os pares. Vivem conflitos internos constantes por estarem, de um lado, sofrendo a pressão de amadurecerem rápido, e, de outro, querendo gozar de sua imaturidade, de seu idealismo, de seu simplesmente “estar junto”.

Precisamos compreender também que quando os adultos colocam demandas e esperam respostas imediatas e de concordância dos adolescentes, podem acabar deixando-os sem outra saída a não ser transgredir, desafiando ou recusando a lei e o limite.

As normas, quando são colocadas apenas em torno das proibições e exigências, não mostram ao adolescente o outro lado do limite, que se refere à indicação dos caminhos possíveis que pode percorrer, a fim de conciliar as responsabilidades com o prazer, o lazer e a diversão.

As famílias compreendem que estando o adolescente ocupado em trabalho, além de ajudar no sustento familiar, estará longe do grupo de pares, que para essas famílias representam: o ócio, o “não fazer nada”, a “oficina do diabo”.

Com as fortes exigências sociais, o próprio adolescente quando faz parte de grupos de incentivo ao protagonismo juvenil passa a não sentir crescimento e autorrealização por meio do grupo.

Talvez pelas situações adversas em que se encontra e pelas pressões constantes que sofre, o adolescente é compelido a julgar seus grupos de dança, de música, de arte, de estudos, como grupos insignificantes, depreciados, que “não levam a nada”, apesar de ser por meio deles que encontra momentos de alegria, de diversão e pode viver a espontaneidade e a criatividade típicas dessa fase.

O adolescente apresenta, então, posturas divididas entre o investimento no futuro (o cuidado com o futuro) e o aproveitamento imediato da vida (a vontade de viver o aqui e agora).

O trabalho para adolescentes em situação de vulnerabilidade social pode caracterizar uma possibilidade de sustento individual e familiar, além de ser capaz de contribuir para o aumento da autoestima, resgate da autonomia diante da família e respeito do adolescente pela comunidade.

Apesar disso, não podemos deixar de pensar que a adolescência é uma fase de intensas mudanças, de grandes descobertas sobre si mesmo e sobre o outro, período em que o adolescente ainda não viveu o suficiente para ter maturidade física, cognitiva, social e emocional para o exercício de determinadas funções propostas no mundo profissional.

Além disso, diante da dificuldade de encontrarem trabalho ou quando percebem que o trabalho socialmente aceito não é capaz de lhes oferecer o que procuram, alguns adolescentes, movidos pela frustração e revolta, descartam essa ideia e passam a buscar outras atividades, em sua maioria condenáveis socialmente, mas que lhe garantam certo *status* e renda, como a inserção no tráfico de drogas.

Por isso, o problema não é propriamente o desejo do adolescente pelo ingresso no mundo do trabalho, mas a forma como ele está se inserido neste mundo e o tipo de ocupação que encontra.



Outra questão que dificulta o processo de socialização dos adolescentes, impedindo-os de se vincular ou manter relações de incentivo ao protagonismo juvenil, refere-se ao estigma, discriminação e exclusão social que sofrem, muitas vezes provocado pelos próprios familiares e demais instituições, à medida que desqualificam a cultura presente neles ao estigmatizá-los como “bandidos”, “vagabundos”, “perversos”.

Os grupos de expressão juvenil correspondem, muitas vezes, a formas de integração social num contexto deficitário de coesão da sociedade. Os grupos mais ligados ao *hip hop*, por exemplo, manifestam uma discordância explícita pelas desigualdades sociais e discriminações racistas. A integração social para estes grupos torna-se ainda mais difícil por transportarem o estigma de “grupos perigosos”. Os adolescentes buscam “ser ouvidos”, reconhecimento e prestígio dos grupos de dança, mas são discriminados pelo meio social.

Nesse sentido, há um forte descaso e discriminação quanto à construção de locais adequados para o lazer, a cultura e o esporte em comunidades em situação de vulnerabilidade social e, conseqüentemente, a nítida desigualdade se configura na distribuição de equipamentos culturais.

Em razão disso, os adolescentes passam a ocupar seu tempo de forma muito variada e sob condições bastante desiguais. Os contrastes socioeconômicos evidenciam a desigualdade do tempo livre juvenil e o precário acesso a bens, serviços e espaços públicos de cultura e lazer da maioria da população do nosso país.

No entanto, a perspectiva do protagonismo juvenil sustenta que sem vivenciar essa relação de lazer e cultura com os pares de forma construtiva, será muito difícil o adolescente se comprometer de forma duradoura e profunda com ações para o bem comum, seja na família, na escola ou na comunidade.

Além das situações já descritas, observamos que outra forma de interromper as relações com os grupos potenciais refere-se ao fato de as normas e as leis que garantem a manutenção do grupo tornarem-se cada vez mais precisas e rígidas. Quando os grupos tornam-se rígidos e fechados demais, buscando estreitar fortemente os vínculos entre seus membros como forma de se manterem como grupo e preservarem suas relações, dificultam a permanência do adolescente no grupo, pois, quando ele não respeita as regras, pode ser punido e excluído, ou seja, provoca o rompimento com as relações ali construídas.

Os adolescentes não conseguem resistir à pressão do grupo. Eles têm necessidade de provar que são capazes “de fazer”. Os adolescentes acabam, muitas vezes, fazendo o que os demais membros fazem, não porque estes são fontes de informação, mas pela necessidade de serem aprovados, aceitos e apreciados.

Os adolescentes entendem que não aceitar as regras do grupo é uma forma de correr o risco de perder a amizade de todos. O grupo intimida o adolescente e ele não se arrisca à desaprovação grupal. Por isso, às vezes, ele sabe que o que está fazendo é errado, mas continua de qualquer maneira, para não se sentir diferente nem parecer tolo.

Porém, a rigidez do grupo impossibilita o protagonismo juvenil. As normas vão se tornando tão rígidas e impositivas que o respeito às diferenças perde-se, o grupo potencial interrompe-se e surge uma nova formação grupal pautada em exigências e submissões excessivas. Esses novos grupos utilizam-se do poder, da violência e do ódio como formas de ação. São os chamados grupos destrutivos – que serão descritos a seguir.

Grupos destrutivos

Como vimos anteriormente, quando o adolescente enfrenta situações adversas, como a ausência dos pais, conflitos familiares, precárias condições de vida, discriminação, desqualificação social, preconceito, rigidez nas regras grupais, é pressionado a agir.

Por não encontrar nos grupos potenciais possibilidades concretas e imediatas para lidar com essas situações, o adolescente entra em conflito com valores, ideais e normas do grupo, o que gera sentimentos ambíguos que contribuem para a interrupção desse grupo e seu possível envolvimento em situações de risco.

À medida que o sofrimento intensifica-se e o sentimento de impotência em lidar com as dificuldades que vivem torna-se mais forte, muitas vezes, tanto o adolescente quanto o grupo desfazem-se progressivamente daquilo que é mais significativo na construção das relações, ou seja, da capacidade de amar e se sentirem amados.



Nesse momento, o adolescente pode passar a transitar por outros contextos grupais, os grupos que denominamos “grupos destrutivos”, em que ele acredita conseguir enfrentar o mal-estar gerado pelas situações adversas por meio da internalização do ódio e do confronto como forma de lidar com sua condição de desqualificação, marginalidade ou exclusão, o que exerce forte influência sobre a construção da sua identidade.

São exemplos dessas formações grupais: as gangues, os grupos de pichação e o tráfico de drogas. Em contraposição aos grupos denominados “construtivos”, os grupos “destrutivos” são grupos com papéis rígidos, de submissão a um único líder, que assumem o autoritarismo como regime instituído e proíbem a expressão e autonomia de seus membros.

Não há, tampouco, mecanismos de reciprocidade, de solidariedade, mas, ao contrário, funcionam com atividades antissociais e condutas caracterizadas pela agressividade – com requinte de crueldade – até entre os próprios membros do grupo.

Essa agressividade representa um “grito de desespero” e de protesto contra uma sociedade que não só não os compreende como também os humilha e desampara. Extravasam sentimentos de ódio, inveja e ímpetos de vingança cruel, decorrentes de suas privações, principalmente de ordem afetiva. Internalizam a cultura da violência e obtêm o reconhecimento por meio do ódio, do extermínio do outro e da autodestruição, assumindo, assim, a identidade de delinquente.

Resgatando o protagonismo juvenil por meio da escola

Em síntese, podemos concluir que alguns grupos se desenvolvem, progridem, estimulam o protagonismo juvenil e se tornam grupos estruturados, construtivos, potenciais, com objetivos definidos a serem alcançados, enquanto outros, ainda que desejosos do protagonismo juvenil, “desviam-se”, internalizando a violência e a autodestruição como forma de atuação grupal. Isso ocorre porque o adolescente está sempre buscando saídas para conflitos relacionais. As soluções podem vir tanto por meio dos contextos de proteção, como dos contextos de risco, que podem comprometê-lo de maneira indesejável.

Quando, durante seu desenvolvimento, está vinculado a contextos que lhe asseguram a autoridade e a proteção, como a família e a escola, por exemplo, é capaz de fazer uma distinção consciente entre grupos de pares construtivos e os que podem levá-lo a situações de perigo e risco, como o envolvimento com drogas e atos infracionais.

Permanecem vinculados aos grupos construtivos aqueles adolescentes que conseguem desempenhar as funções que tanto eles próprios quanto o meio social consideram importantes para seu desenvolvimento. Quando, no entanto, o adolescente encontra fragilidade, “liquidez” da autoridade e da proteção nas relações com o meio social (como nas relações com a família e a escola), é impulsionado a buscar a “solidez” dessa função em outros contextos.

Nesse momento, busca nos pares o que não encontra na família e na escola e deixa, nas entrelinhas de suas relações, um pedido implícito de ajuda.

Por isso, é importante criarmos estratégias que possibilitem o engajamento e o pertencimento do adolescente a grupos positivos de referência. Desse modo, a escola tem muito a contribuir.

Há várias demandas dos adolescentes dirigidas à escola, que é referência no seu processo socializador. A busca pela proteção e autoridade na escola é evidente entre os adolescentes que começam a se envolver com drogas e atos infracionais.

É comum encontrarmos adolescentes em situação de risco (em grupos de pichação, gangues, usuários de drogas ou aliciados pelo tráfico) ainda vinculados à escola. Isso significa que a escola, apesar de fragilizada, é para os adolescentes uma rede de segurança, uma possibilidade de ainda se sentirem protegidos e incluídos no sistema social de alguma forma.



Os adolescentes contam com a escola, talvez pelo fato de depositarem tantas expectativas na instituição, ficam decepcionados e frustrados, por vezes, desesperados de se imaginarem sem o seu apoio. Quando o adolescente rompe com a escola, é como se estivesse se desligado do único segmento que ainda o mantém incluído no sistema, em que ainda se reconhece cidadão.

Assim, a escola pode contribuir bastante na construção dos grupos potenciais. Para isso, precisa conhecer bem o adolescente com quem trabalha. Precisa ajudar o adolescente a desenvolver o espírito crítico, pois é função da escola não apenas transmitir informações ao adolescente, mas também formá-lo cidadão.

A escola, com suas normas e regras, torna-se fundamental no processo de identificação, idealização e diferenciação na adolescência e é, portanto, um lugar importante de organização das cenas sociais para o adolescente e de suas possibilidades de formações grupais entre os pares.

É importante que ela construa limites para os alunos por meio do resgate da autoridade e da negociação, o que pressupõe o comprometimento dos educadores em relação aos alunos, bem como o estímulo à autonomia, pois quanto maior a autonomia, maior o senso de responsabilidade dos adolescentes por suas ações, maior o processo de criação do adolescente e seu engajamento, consequentemente, em grupos de incentivo ao protagonismo juvenil – ou seja, em grupos potenciais.

A escola pode realizar atividades que promovam a expressão criativa e responsável do potencial do adolescente. Por exemplo, quando a escola abre um espaço para a formação de grupos potenciais entre os adolescentes ou quando abre um espaço para o debate coletivo ou expressão individual, ela está criando uma oportunidade de aproximação ao plano afetivo, rumo à relação transparente com eles.

Esses espaços são capazes de despontar reflexões bastante ricas dos adolescentes para a compreensão das dificuldades de funcionamento da sua rede e para a busca de possibilidades de mudança. Quando são oferecidos aos adolescentes espaços de diálogo e a possibilidade de construção coletiva, de reflexão grupal, eles amadurecem suas ideias para enfrentá-las.

Reconhecemos que há diversos processos psicossociais que vulnerabilizam o adolescente à violência, como a falta de autoridade na família, situações de discriminação e exclusão social, e vários que o fortalecem diante dela (como o protagonismo juvenil, os limites e as regras).

Por isso, o estímulo ao protagonismo juvenil deve ser colocado a serviço de ações de inserção e manutenção dos grupos potenciais, a fim de contribuir para o desenvolvimento e a inclusão dos adolescentes que vivem em contexto de vulnerabilidade social, de modo a diminuir as desigualdades e a distância que os separam dos segmentos privilegiados da sociedade.

FORMANDO ADOLESCENTES MULTIPLICADORES

Marlene Magnabosco Marra

Liana Fortunato Costa



O que é ser multiplicador?

Segundo o dicionário, o significado dessa palavra é: aumentar em número ou importância; tornar mais veemente; propagar-se; reproduzir; crescer em número; desenvolver extraordinária atividade.

O sujeito multiplicador vincula, articula, expande seus horizontes e está comprometido em expandir o horizonte dos outros na relação com um determinado tema. Essa reflexão vem com a ação, logo, uma rede de sustentação das ações se faz presente.

Os multiplicadores são os verdadeiros agentes sociais de mudança, na medida em que promovem saúde nos segmentos populacionais ainda excluídos da rede pública de assistência. O multiplicador ou agente social de mudança é aquele que faz com muitas mãos uma busca criativa dos recursos inerentes a cada um, possibilitando o desenvolvimento dos papéis, a busca da competência e a renovação da esperança presente em toda sociedade.

Papel do multiplicador

O papel do multiplicador ou do trabalhador social se dá no processo da estrutura e dinâmica social, isto é, na inter-relação dos vários segmentos do sistema que se encontram em movimento. A mudança é uma das dimensões desse processo. Nada é absolutamente estático ou só dinâmico, mas sim um jogo de mudanças/estabilidade que ocorre de forma permanente. Esse dinamismo está presente em tudo o que é vivido pelas pessoas em um mundo de acontecimentos, valores, ideias, instituições, linguagens, símbolos e significados.

O agente social de mudança é aquele que, ao incluir-se no novo e no imprevisível, permite respostas criativas na redução do sofrimento e na melhoria dos relacionamentos. O multiplicador traz à comunidade atendida uma nova perspectiva que possibilita à outra pessoa que trabalha com ele novas maneiras de relacionar-se com os outros e de perceber o problema, o que dá maior flexibilidade e maior abertura às mudanças.

Novas concepções

Para adotar uma perspectiva de trabalho com multiplicadores, a escola necessita introduzir novas ideias e novos conceitos sobre relacionamento humano e competência na execução de tarefas.



Para aceitar o desempenho do papel de multiplicador em seu contexto, a escola precisa desenvolver novas percepções:

- essa forma de intervir é considerada uma mudança social, porque lida com o processo de transformação que acontece nos sistemas sociais;
- o multiplicador tem uma competência transformadora como agente de mudança e é polo de promoção e reorganização da realidade social;
- o multiplicador é um construtor, por ter uma perspectiva de intervenção e possibilitar uma visão compartilhada do problema, não só dos participantes entre si, mas também dos participantes com sua realidade;
- o multiplicador é como um espelho, ao devolver a imagem à comunidade, reconhece o outro e permite que ele se reconheça, devolvendo-lhe a confiança em si, pois ele é um dos que pertencem àquele sistema;
- o trabalho do multiplicador está vinculado a uma ética que remete a um movimento construtivo e reconstrutivo, como compromisso com as oportunidades de todos;
- não existe um só modelo de intervenção válido, pois o papel do multiplicador absorve as várias dimensões da verdade presentes no grupo e mostra as diferentes nuances formais e sutis, espelhando a riqueza da realidade;
- são muitas as realidades existentes e distintas, a verdade pode ser vista de muitos ângulos diferentes, de modo que a sociedade tem que dispor de mecanismos transformadores mais coerentes com seu contexto e com as possibilidades locais;
- a ação do multiplicador está baseada numa proposta de que aquele que cuida nem sempre deve ser o especialista;
- a ação do multiplicador é uma construção social que pode ser considerada uma ação “terapêutica” por conter uma experiência de alguém que pertence à comunidade e assim proporciona oportunidade para uma identificação positiva com um problema.

Multiplicador não especialista

Podemos qualificar, capacitar e instrumentalizar não especialistas para atuarem em atividades, no papel de multiplicador ou de agente social de mudança. Essa qualificação é o suporte que necessitam para avançar em seu ofício, aumentando a efetividade dos métodos usados, a partir do momento em que se associam a outros profissionais ou técnicos na elaboração e execução de um projeto.

Formação do multiplicador

A formação do multiplicador contém aprendizagens que buscam construir um sujeito que se emancipa e ativa o mesmo processo com relação a outros sujeitos. A competência gera informação, inovação, autossolução e responsabilidade para assumir a autoria de seus atos, estabelecendo um foco no presente e uma preocupação com a tarefa educativa.

Ser educador é trabalhar todo tempo com as dimensões de identidade, pertencimento e autonomia: Quem eu sou? A qual grupo pertenço? Que liberdade possuo em relação a esse grupo?

Ao ser multiplicador, a pessoa reflete e interage com os aspectos da ordem/desordem e da organização/desorganização da comunidade, porque ele vive a dimensão da imprevisibilidade que caracteriza as ações que visam transformar a realidade.

A formação do multiplicador passa necessariamente por uma formação pessoal e técnica. Para qualificá-lo nas relações pessoais, essa formação precisa oferecer-lhe condições de questionamento que possibilitem uma transformação pessoal.



O conhecimento do multiplicador é construído de forma em comum na reflexão com seus pares e se amplia na prática, na “arte da intuição”, na multiplicação das experiências e no compromisso social que tem com os demais membros da comunidade. Portanto, essa dimensão de multiplicador, para nós, concentra e incorpora todas as demais dimensões, por ser uma forma de participação ativa, que promove a emancipação na construção da identidade do sujeito de direito, do cidadão e atinge o maior número possível de pessoas.

Estamos vivendo uma situação de mundo caótico, no qual não temos mais a noção do ritmo do tempo. Os processos de desenvolvimento são imprevisíveis e estamos nos confrontando com situações de profunda desorganização social, grupal e pessoal.

Ao nos esforçarmos para dar certa coerência e um sentido à vida, não podemos deixar de lado a família, as relações sociais e os vínculos institucionais. Toda pretensão de intervenção fundamenta-se na aceitação da crise e no resgate da espontaneidade e da criatividade que trazem novas percepções e participam da auto-organização presente nos grupos.

Essas necessidades vitais de todos os grupos, associações, instituições requerem profissionais disponíveis que não estejam fixados em suas especialidades e abram perspectivas para o “cuidado” com o outro, possibilitando ser terra fértil para o desenvolvimento. Quanto mais tivermos parceiros, multiplicadores e promotores do crescimento, do compartilhar e do vivenciar, mais a sociedade terá sua autossustentabilidade.

Formação do adolescente multiplicador

O adolescente como ponto central da metodologia de multiplicação expressa o processo de aprendizagem e de desenvolvimento por sua capacidade de participar e de intervir. Portanto, como sujeito político de direitos, ele está comprometido com a democratização dessa nova relação com a sociedade e é também sujeito de deveres compatíveis com seus recursos internos.

Esse adolescente, ao construir o conhecimento como multiplicador, constrói a si mesmo e a sua realidade social. O papel de multiplicador é igual à inclusão social, que é igual à organização social.

Pensar na formação do adolescente multiplicador envolve incluí-lo na comunidade e na cultura em que são tecidas as tramas significativas de sua vida que definem seus recursos e limites, o respeito pelas diferenças e a reflexão constante sobre suas ações. Partimos de sua própria experiência como estratégia para refletir sobre esse complexo sistema de formação. Ao construir um contexto de transformação, o adolescente, no desabrochar de suas competências, também se transforma.

Nesse sentido, a formação de multiplicadores promove um contexto gerador de mudanças na vida dos próprios adolescentes em formação. Essa prática torna-se a matriz geradora de estratégias de formação, e os adolescentes são considerados agentes de transformação social. Sua ação é compreendida como política e promove ou questiona as práticas vigentes.

Ao pensarmos em formação de adolescente multiplicador, temos de lembrar que ele possui uma tendência natural em comunicar-se por meio da ação em detrimento da palavra, buscando alternativas, as mais diversas e criativas, para si e para o seu grupo. Esse modo de ser aproxima-o dessa dimensão de multiplicador por dar conta da diversidade e das alternativas de resolução na ação. Nesse sentido, vemos o adolescente capaz de enfrentar algo como real, ser co-contrutor de programas para a reintegração de outros adolescentes em um determinado momento. Ele é capaz de criar um contexto de ação e conversação que possibilita a convivência e o debate de questões pertinentes à legitimação de trocas de experiências.

A forma de trabalho deve ocorrer por meio de jogos, brincadeiras, dramatizações e outras formas de expressão. Devem ser realizadas oficinas de jogos e utilizados recursos auxiliares.

A formação de adolescentes multiplicadores deve ocorrer em três etapas:



Primeira etapa

Aquecimento espontâneo para a formação do papel de multiplicador:

- orientar e propor ações que impliquem conversações com os adolescentes, possibilitando-lhes identificar as situações de risco;
- propor discussões que possibilitem aos adolescentes se identificarem com a situação problema;
- despertar neles o prazer e o compromisso de ser protagonista de uma ação solidária.

Segunda etapa

Vivência do papel de multiplicador:

- constituir um grupo, a partir de suas próprias escolhas; a formação deve se fazer no contexto grupal, no qual o principal recurso de trabalho é a interação grupal; conhecer e organizar o conhecimento como instrumento na interação grupal;
- desconstruir os mitos relacionados à educação e às questões do uso de drogas;
- difundir conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento de uma visão abrangente de saúde, educação, ecologia, comunidade e para o exercício ético do cuidado com todas as formas de vida;
- trabalhar o grupo em uma concepção de valores morais, religiosos, éticos e culturais;

- vivenciar situações que os façam compreender que são parte do mundo e que heterogeneidade, intersubjetividades e alteridade são valores humanos que significam e revelam a existência e o compromisso com o que é semelhante e com a diversidade;
- favorecer reuniões preparatórias para planejar/executar atividades, dividir tarefas, organizar e valorizar seu papel de multiplicador.

Terceira etapa

Compartilhar as experiências vividas no papel de multiplicador:

- fazer um processamento efetivo do que foi vivido, ou seja, fazer reuniões para que os adolescentes possam trocar experiências;
- compreender, do ponto de vista técnico, as ações realizadas;
- avaliar as experiências;
- reformular, se necessário, as ações;
- supervisionar as ações.

Consideramos o multiplicador implicado pessoalmente na função de co-construtor do conhecimento, porque:

- não se fixa em um conhecimento de certezas;
- transita nas incertezas e imprevisibilidades, na busca do resgate de si mesmo e do outro;
- assegura a construção conjunta do conhecimento, à medida que agrega a sua participação na produção do conhecimento.

Referências

- ANDOLFI, M.; HABER, R. *Por favor, ajude-me com esta família: usando consultores como recursos na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BITTENCOURT, C. N. N. Projeto de justiça comunitária. In: *Projeto cidadania e justiça também se aprendem na escola*. Brasília: TJDF, 2002. p. 25-36.
- CARDOSO, A. N. Educação e Cidadania: as representações sociais de cidadania de jovens com participação em contexto comunitário de educação. In: SOUSA, S. M. G. (Org.). *Infância, Adolescência e Família*. Goiânia: Cânone, 2001.
- COSLIN, P. G. *Les conduites à risque à l'adolescence*. Paris: Armand Colin, 2003.
- COSTA, A. C. G.; VIEIRA, M. A. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. São Paulo: FTD; Salvador: Fundação Odebrecht, 2006.
- DEMO, P. *Conhecer e aprender*. Sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- _____. *Pesquisa e informação qualitativa*. São Paulo: Papirus, 2001.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- GUTTON, P. *Moi, violent? Pour en finir avec nos idées reçues sur l'adolescence*. Paris: JC Lattès, 2005.
- JACOBINA, O. M. P.; COSTA, L. F. Para não ser bandido: trabalho e adolescentes em conflito com a lei. *CADERNOS de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 2, n. 10, 2007, p. 95-110.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- _____. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Goiânia: Dimensão, 1992.
- MORIN, E. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- OUTEIRAL, J. *Adolescer: estudos revisados sobre adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- PAIS, J. M. Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais. In: PAIS, J. M.; BLASS, L. M. S. (Org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 23-42.
- PEREIRA, S. E. F. N. *Drogadição e atos infracionais entre jovens na voz do adolescente em conflito com a lei do DF*. 2003. 270 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- _____. *Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas*. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- SCHÖN, D. A. *Educando o profissional reflexivo*. Um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- VASCONCELLOS, M. J. E. *Pensamento sistêmico*. O novo paradigma da ciência. São Paulo: Papirus, 2002.
- WARAT, L. A. *O ofício do mediador*. Florianópolis: Habitus, 2001.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ZIMERMAN, D. E. Grupos espontâneos: as turmas e gangues de adolescentes. In: ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. (Org.). *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 59-67.